

O PENTECOSTALISMO NA SERRA DA ESTRELA:

Conversão, Batismo e Identidade Religiosa na Assembléia de Deus da Covilhã (Portugal)

PENTECOSTALISM IN “SERRA DA ESTRELA”:

Conversion, Baptism and Religious Identity in the Assembléia de Deus – Assembly of God in Covilha, Portugal

Donizete Rodrigues¹
Tânia Guerreiro²

Resumo. A partir de uma breve caracterização histórica e teológica do protestantismo-pentecostalismo e do conceito de ‘Assembleias de Deus’, este artigo tem como objetivo discutir algumas especificidades antropológicas da Igreja Evangélica Pentecostal Assembleia de Deus da Covilhã (Portugal). Utilizando o método etnográfico da observação-participante (como insider-believer), o estudo foca a conversão evangélica e as duas principais dimensões da manifestação de fé, individual e coletiva - o batismo ‘nas águas’ e o batismo no ‘Espírito Santo’ - e o seu papel no processo de construção identitária pentecostal.

Conceitos-chave: Pentecostalismo; Assembleia de Deus; Portugal; Batismo; Identidade

Abstract. From a brief historical and theological characterization of Protestantism-Pentecostalism and the concept of 'Assemblies of God', this article discusses some anthropological specificities of the Evangelical Pentecostal Church of Assembly of God (Covilhã, Portugal). Using the ethnographical method of participant observation (as insider-believer), the study focuses on the evangelical conversion and the two main dimensions of the manifestation of faith, individual and collective – the baptism 'in the water' and the baptism of the 'Holy Spirit' - and its role in the construction of the Pentecostal identity.

Keywords: Pentecostalism; Assembly of God; Portugal; Baptism; Identity.

¹ Doutorado em Antropologia social pela Universidade de Coimbra, é Professor Associado com Agregação da Universidade da Beira Interior e Investigador-Sênior do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA-UNL), Portugal.

² Licenciada em Sociologia pela Universidade da Beira Interior, Portugal.

Introdução

O sociólogo Émile Durkheim ([1893] 2014), um dos autores clássicos das ciências sociais mais influentes no estudo do fenómeno religioso, defende a ideia de que as funções do sagrado na sociedade têm vindo a alterar-se ao longo da história, nomeadamente com o advento da chamada modernidade, onde a religião deixa de condicionar a vida dos indivíduos e perde, portanto, importância na vida social.

Segundo Anthony Giddens (1995), com o desenvolvimento da modernidade, houve uma mudança do papel da tradição (incluindo a religiosa) na vida das pessoas - um processo denominado de 'destraditionalização' - onde a construção da identidade religiosa é marcadamente pessoal e já não tão ligada à tradição, ao coletivo. É neste contexto que Grace Davie (1990) nos chama a atenção para a mudança do paradigma religioso, onde as pessoas - nas suas práticas religiosas, agora mais individualizadas - continuam a crer (*believing*), mas não a pertencer (*belonging*), obrigatoriamente, a uma instituição religiosa.

Apesar dos autores clássicos, nomeadamente sociólogos, defenderem a tese de que a religião entrou em declínio, causado pelo denominado processo de secularização da sociedade³, não existe hoje um consenso sobre esta questão. Apesar de algumas tentativas de sistematização teórica (ver, por exemplo, Tschannen, 1991), autores como Stark (1999) defendem mesmo o fim da utilização do conceito de secularização. Até Peter Berger (1985), que antes defendia a teoria da secularização, alterou a sua posição defendendo que "most of the world today is certainly not secular. It's very religious" (citado por Stark, 1999: 270). Mas este debate entre modernidade-secularização-desencantamento do mundo (na lógica Weberiana) e (pós)modernidade-reencantamento do mundo é bastante longo e já produziu uma extensa literatura (Rodrigues, 2007).

Para encerrar de vez a defesa da teoria da secularização, muitas das teorias e ideias do reencantamento do mundo sustentam-se no forte crescimento de movimentos religiosos, como é o caso do pentecostalismo, na sua vertente protestante e católica, que

³ Para Bryan Wilson (1976), esta situação deve-se a um processo que ele denomina de 'societalization': a mudança de um modelo de comunidade - onde a religião melhor exercia as suas funções - para uma sociedade baseada na técnica e no racionalismo, sendo nesta última que o processo de secularização ocorre. "The community is essentially religious; the society is essentially secular" (p. 262).

trouxe uma nova vivência religiosa e é hoje um movimento com um enorme expansão e crescimento mundial.

O principal objetivo dos pentecostais é recuperar o cristianismo primitivo, baseado na união, na comunidade e, principalmente, na 'experiência física do Espírito', o batismo no/do Espírito Santo. A noção protestante da fé, centrada no indivíduo, é interpretada como uma trajetória que implica mudanças radicais no comportamento dos crentes, tendo estes que 'nascer de novo' (born-again), através da aceitação de Cristo (fé) e pelo batismo.

Neste estudo antropológico, sobre a Igreja Evangélica Pentecostal Assembleia de Deus da Covilhã (Portugal), analisaremos um exemplo dessa trajetória, de acordo com as duas principais dimensões do batismo pentecostal - nas águas e no Espírito Santo - e a sua relação com a fé e o seu papel no processo de construção de uma identidade pentecostal. Daremos destaque ao batismo nas águas, visto que este passo - ser 'born-again' - pressupõe uma mudança radical na vida do indivíduo. Neste contexto, é essencial compreender: como se ritualiza o batismo, o caminho que o crente leva até obter todas as condições para ser batizado, as implicações do batismo na vida do crente, direitos e deveres, mudanças de atitudes e valores. Porque não podemos falar em pentecostalismo sem abordarmos aquilo que mais o caracteriza, é fulcral também discutir o batismo no/do Espírito Santo.

Sendo o nosso objeto de estudo uma igreja de base protestante e pentecostal, é pertinente, embora de uma forma breve, discutir algumas bases teológicas e doutrinárias destes dois importantes movimentos religiosos.

O Protestantismo e o Pentecostalismo: uma nova experiência religiosa

Em 1517, a história da religião cristã mudava significativamente; o teólogo Martinho Lutero (1483-1546) publicava as suas 95 teses contra alguns aspectos doutrinários da Igreja Católica, que acabariam não só com a sua hegemonia, mas, também, contribuiriam para o surgimento de um novo e marcante movimento religioso, denominado Protestantismo, que veio Reformar radicalmente a forma como a religiosidade cristã era vivida.

Os princípios teológicos que Lutero defendia passavam, essencialmente, pela

justificação pela fé, através da graça (*sola gratia*), e pela *sola scriptura* - a Sagrada Escritura como única autoridade doutrinária, sendo que esta poderia ser interpretada individualmente (livre exame) - e que a salvação é obtida pela fé individual em Cristo (Swatos, 1998).

O Protestantismo, principalmente na sua versão Calvinista, também veio apresentar uma nova teologia quanto ao trabalho, passando este a ser visto como uma vocação dada por Deus e que cada um deveria desenvolver. Assim, é valorizado o esforço individual, a dedicação ao trabalho e não aos prazeres do mundo, muito caracterizado pelo que Weber ([1904] 1996) denomina de ‘ascetismo’, um estilo de vida austero e centrado na salvação.

O pentecostalismo, por sua vez, teve o seu início quatro séculos mais tarde, mantendo a sua base teológica, mas trazendo uma nova forma de ser cristão, uma nova vivência religiosa. Este movimento surgiu através de um grupo de fiéis da igreja Metodista⁴, em Topeka, no Kansas (EUA), em 1901. Esse grupo sentiu a experiência relatada no Livro de Actos 2: 1-4⁵, em que os apóstolos de Cristo falaram em línguas estranhas (glossolalia), ficando esta experiência conhecida como o batismo no/do Espírito Santo. Este movimento adota uma vivência religiosa centrada na experiência de Deus, do Espírito Santo, que se revela, sobretudo, pelos dons espirituais da glossolalia e da cura divina (Albrecht & Howard, 2014).

Surgiu, desta forma, uma nova experiência religiosa, marcada pelo chamado ‘movimento do Espírito’ e que teve um enorme crescimento, muito devido à Missão de Azusa Street, em Los Angeles, entre 1904 e 1906 (Robeck, 2007). A partir dos Estados Unidos, o pentecostalismo tornou-se rapidamente num movimento transnacional em acelerado crescimento, surgindo logo noutros países, como é o caso do Brasil.

Embora partilhando uma mesma base teológica, a sua liberdade doutrinária leva a

⁴ O Metodismo, um ramo do Protestantismo, surgiu como um movimento que procurava uma condição de ‘cristão perfeito’. Para além da fase inicial da conversão/justificação, também deveria existir uma procura pela ‘santificação’, vivendo-se longe dos pecados e com uma vida o mais ascética possível (Swatos, 1998).

⁵ “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar (...). E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas”.

que não seja um movimento preso a uma organização religiosa específica, tal como sucede noutras instituições consideradas históricas-tradicionais, como é o caso da Igreja Católica, permitindo que, mesmo sendo desde a sua origem um movimento global, se possa adaptar mais facilmente às especificidades culturais locais. Como disse Casanova (2001), "Pentecostalism (...) is simultaneously global and local" (p. 437). Por isso, e corroborando a sua própria dinâmica, foram surgindo outras "ondas" pentecostais, culminando, na década de 1960, no neo-pentecostalismo, de caráter fortemente carismático, com forte utilização dos meios de comunicação de massa e enfatizando a teologia da prosperidade, centrada na forte valorização do bem-estar material (Anderson, 2004).

As Assembleias de Deus

No início, o pentecostalismo não estava organizado doutrinariamente. Havia, por isso, a necessidade de alguma organização e, a partir de 1914, realizaram-se encontros formais entre os diversos grupos pentecostais a fim de estabelecer alguma ordem doutrinária e assim surgiu aquela que viria a ser a maior denominação pentecostal existente, as Assembleias de Deus (Poloma, 1989; Kay, 2009). Foi elaborado o 'Assemblies of God Statement of Fundamental Truths', um conjunto de 16 doutrinas (as "verdades fundamentais"), sendo as principais: a Salvação, o Batismo no Espírito Santo, a Cura Divina e a Segunda vinda de Cristo ao mundo.⁶

A partir do seu surgimento nos Estados Unidos, o pentecostalismo foi introduzido no Brasil através de Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois missionários suecos que chegaram, em 1910, a cidade de Belém, no Estado do Pará. Depois de algumas dificuldades no trabalho de evangelização, em 1918 conseguiram que a missão ficasse registada com a denominação de 'Assembleias de Deus' (Anderson, 2004).

Atualmente, a AD é a maior denominação pentecostal do mundo, contando com

⁶ A lista completa pode ser consultada em: http://ag.org/top/Beliefs/Statement_of_fundamental_truths/sft_full.cfm

mais de 67 milhões de membros⁷. Apesar de partilhar a mesma base teológica, as mesmas 'verdades fundamentais', as Assembleias de Deus apresentam hoje especificidades locais, fruto da sua grande capacidade de adaptação às culturas e religiosidades locais (Meneses, 2013). Vejamos o caso de Portugal.

Em Portugal, o surgimento da Assembleia de Deus está ligado a dois missionários portugueses, José Plácido da Costa (1869-1965) e José de Matos Caravela (1888-1958), que foram convertidos no Brasil (Dudley, 1993; Branco, 2011). Nascido em Valezim (Seia) e católico - como a maioria dos portugueses - Plácido da Costa tinha emigrado para o Brasil e foi o primeiro convertido a regressar, em 1913. As condições da época eram favoráveis para regressar à sua terra natal e pregar o Evangelho: graças à implantação da I República, em 1910, a Igreja Católica já não detinha a exclusividade da salvação. E assim, foi exactamente em Valezim que se realizou o primeiro batismo pentecostal, ficando esta aldeia conhecida como “o «Belém» de toda a atividade que é desenvolvida em Portugal pelas Assembleias de Deus” (Gonçalves, 2002: 33).

Em 1921, José de Matos também regressou do Brasil e, em 1924, fundou em Portimão (Algarve) aquela que viria a ser a primeira congregação oficial das Assembleias de Deus em Portugal. Posteriormente, em 1932, o próprio missionário Daniel Berg também veio para Portugal e fundou uma AD no Porto, onde Plácido da Costa viria a ser pastor.

Contudo, em função da instituição do Estado Novo, em 1933, um regime político ditatorial e com fortes cumplicidades com a Igreja Católica - e conseqüente perseguição dos outros grupos religiosos não católicos - a implantação do pentecostalismo no país foi bastante dificultada (Gonçalves, 2002).

No entanto, após o processo de democratização de 1974 - e conseqüente liberdade religiosa - o crescimento das AD tem sido constante, tornando-se na maior denominação pentecostal no país. Este sucesso é explicado, sobretudo, pelo grande trabalho de

⁷Dados de 2013 acedidos em <http://agchurches.org/Sitefiles/Default/RSS/AG.org%20TOP/AG%20Statistical%20Reports/2014/Online%20Stats%202013.pdf>

proselitismo/evangelização, criando pequenas congregações e grupos de oração, levando, desta forma, a mensagem pentecostal até às mais pequenas localidades (Dudley, 1993).

A Assembleia de Deus na cidade da Covilhã: o terreno etnográfico

O pentecostalismo foi introduzido na cidade da Covilhã, a partir de 1955, com a chegada da família Bowker, que já evangelizava em Portugal. Eram dois médicos ingleses que responderam ao apelo de um evangélico local para a criação de uma congregação na região. Esses missionários começaram a realizar as primeiras reuniões religiosas (grupo de oração) numa residência familiar. Passados alguns anos, com o aumento do número de crentes, alugaram um espaço próprio e criaram a primeira congregação na região (Barata, 2001). Atualmente, o templo situa-se numa antiga fábrica de lanifícios, espaço adquirido pela própria igreja.

Com o seu desenvolvimento, a AD da Covilhã possui hoje várias congregações: Belmonte, Fundão, Sabugal, Unhais da Serra e Quintãs. No entanto, conforme constatámos na nossa etnografia, estas congregações estão perdendo cada vez mais membros (muito devido ao êxodo rural) e os que permanecem (poucos) são maioritariamente idosos. Como não têm os seus próprios pastores, os cultos são organizados e dirigidos pelos membros da igreja-sede da Covilhã, tendo, por isso, uma dinâmica muito própria.

O trabalho de campo etnográfico realizou-se entre abril de 2013 e junho de 2014. O estudo envolveu, principalmente, a participação nos cultos, bem como em outras atividades de carácter social e religioso, utilizando a observação-participante, sendo um dos etnógrafos ‘insider-believer’. Com base na experiência do outro autor deste texto, numa igreja evangélica nos Estados Unidos (Rodrigues, 2014), ser ‘insider-believer’ revelou-se essencial na realização da etnografia: facilitou a inserção no objeto de estudo, uma maior proximidade e intimidade com os crentes e um maior grau de participação na igreja. Neste contexto religioso, o ‘outsider-believer’ ficaria excluído de muitas atividades, teria uma participação passiva ou de pura observação nos cultos e não conseguiria, desta forma, observar e analisar as mais relevantes dimensões religiosas e simbólicas do movimento religioso em estudo. Como realçou Geertz (1983), o *outsider* pode *observar* o comportamento, mas somente o *insider* pode *sentir* as experiências religiosas. Para além

disso, “religion is an area which is not easily accessible to the outsider, foreigner or non-participant. The inner meaning of a religion unfolds only through participation” (Singh, citado por Knott, 2005: 44).

Como é característico nas igrejas pentecostais, a grande maioria dos crentes da AD da Covilhã são mulheres e de baixo estrato social e, por isso, muitos dos testemunhos durante os cultos revelam situações de desemprego e pobreza. A grande maioria dos fiéis são nacionais, havendo apenas dez imigrantes, sendo um deles de origem africana e os restantes brasileiros. Segundo alguns membros da igreja, antes da grave crise económica, principalmente a partir de 2008, “já houve mais imigrantes mas, agora, a tendência é a emigração, principalmente dos mais jovens” (notas de campo); por isso, os jovens estão em minoria na igreja. Até nas denominadas reuniões de jovens, muitos já se encontram na faixa dos 30-40 anos de idade. O pastor, e mesmo os crentes, comentam a dificuldade em trazer gente nova para a congregação - factor muito preocupante, devido à necessidade de renovação da igreja.

Na nossa etnografia, foi possível analisar a construção identitária pentecostal ao longo da participação nos cultos⁸, observando e analisando as dinâmicas entre os batizados e os que ainda não eram. A primeira análise incidiu sobre o batismo nas águas, onde encontramos três fases distintas: a) a conversão e a aprendizagem (socialização religiosa) quanto ao seu novo modo de vida, de forma a atingirem-se determinadas condições para se ser batizado; b) o próprio rito/ritual do batismo; e c) a fase após o crente ser batizado, em que há direitos mas também vários deveres a serem cumpridos. A segunda análise foi sobre o importante batismo no Espírito Santo, fase primordial para afirmação da identidade pentecostal e como confirmação da fé.

No estudo sobre a Assembleia de Deus da Covilhã privilegiámos a trajetória dos crentes no seu processo de construção identitária pentecostal, uma trajetória que é vivida tanto individual como coletivamente e que se baseia, principalmente, na experiência da

⁸ Os cultos nesta AD dividem-se entre o principal, chamado de Celebração (sendo no primeiro domingo de cada mês o de Santa Ceia), de Oração (terças-feiras), que se concentra mais na parte da oração, e de Estudo Bíblico (sextas-feiras), onde se dá mais ênfase à leitura da Bíblia, sendo cada culto um tema diferente. Há também reunião de jovens (uma vez por mês) e cultos festivos na Páscoa, Natal e Dia da Criança. Por vezes, também se organizam eventos fora da igreja, com vista à evangelização, como é o caso dos Festivais de Esperança.

conversão e no batismo ‘nas águas’ e no ‘Espírito-Santo’.

A Conversão: o início da construção de uma identidade pentecostal

A AD da Covilhã é uma igreja totalmente aberta a novos membros. Esse facto observa-se logo de início, até mesmo antes da conversão. A primeira vez que um indivíduo ainda não convertido vai à igreja, ele é muito bem recebido logo à entrada por um/a/obreiro/a que o encaminha para o interior do templo. O pastor, ao aperceber-se de que há visitas, faz questão de os anunciar e de incentivar os seus fiéis a levantarem-se e a darem as boas vindas com as palavras: "é/são muito bem-vindo/s em nome do Senhor Jesus". Mesmo o acto inicial da conversão é "at one level (...) a very individual phenomenon, but the strenght of Pentecostalism is that individuals are supported by a vibrant and expressive community" (Miller & Yamamori, 2007: 169).

Durante o culto, após a pregação, o pastor incentiva quem ainda não aceitou Jesus como Salvador a ir à frente, no altar. Este é o principal ritual de conversão. Normalmente, as pessoas não se convertem no primeiro dia que vão à igreja, mas quando aceitam o chamamento para a conversão vão ao altar e recebem uma oração especial do pastor. No fim do culto, o novo convertido recebe muitos parabéns; é uma demonstração pública da sua decisão de ser salvo, de fazer parte da comunidade religiosa - é um rito de integração (Genep, 1960).

A primeira fase do processo de construção identitária pentecostal é a conversão. A conversão, que é pessoal, se caracteriza pelo acto de ir à frente. Este gesto é visto como um sinal de arrependimento dos pecados. É importante realçar que antes da aceitação de Jesus como Salvador, todos os indivíduos são considerados pecadores. A partir da conversão, há toda uma aprendizagem da qual a congregação está encarregue, principalmente como se deve comportar no ‘mundo’ - o mundo profano, do pecado - no qual eles vivem, mas não consideram fazer parte: “nós não somos deste mundo”, afirmava o pastor numa pregação (08/12/2013); “Eu não sou daqui, sou do céu”, disse-nos uma crente (26/01/2014). Então, para deixar de fazer parte do ‘mundo’, tem que ocorrer um novo nascimento, tem que ser um ‘born-again’, renunciando ao seu passado⁹ de pecado e

⁹ Em Romanos 6:6 pode ler-se: «Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado»; bem como:

adoptando atitudes e valores evangélicos (Albrecht, 2008; Poloma & Green, 2010; Deininger, 2013).

Para os pentecostais, a salvação é acessível a qualquer um e é validada pelo caráter do cristão, caracterizado sobretudo pela conversão com alegria. Como disse o pastor, “um coração salvo é um coração alegre” (23/06/2013), ou como eles cantam: “a alegria está no coração de quem já conhece Jesus” (notas de campo).

Os novos convertidos estão constantemente a ser ensinados quanto às doutrinas pelos outros crentes da igreja - que sempre fundamentam o que dizem através de passagens bíblicas - e reprimindo os comportamentos considerados errados, fazendo uma distinção entre eles: ‘os eleitos’ e as pessoas do ‘mundo’. Por exemplo, se alguém (principalmente se for mulher) vai à igreja com uma roupa considerada não adequada, leva uma repreensão: “as pessoas do mundo é que se vestem assim”¹⁰ (08/09/2013). O pastor costuma até fazer uma diferenciação entre crentes ‘convencidos’ e ‘convertidos’: “os ‘convencidos’ são os que vão à igreja como se fosse apenas um cumprimento de um ritual, já o ‘convertido’ é todo aquele crente transformado, convertido no Espírito” (15/09/2013). Outros exemplos desses comportamentos passam pela questão dos vícios, ou frequentar locais considerados mundanos, como discotecas, e mesmo a questão da linguagem, visto que “o verdadeiro cristão tem que trazer alegria, esperança com as suas palavras” (15/12/2013). O crente deve mostrar uma atitude positiva, alegre, justificar a fé em Deus, afinal “quem vai querer ir a uma igreja de crentes desanimados e pessimistas?” (28/04/2013). Essa questão da alegria verifica-se muito durante a celebração dos cultos, onde os cânticos são acompanhados entusiasticamente por palmas e muita música.

Outra mudança importante é o esforço individual no que se refere ao trabalho, um princípio que já vem do Protestantismo, mais propriamente do Calvinismo. Como Weber ([1904] 1996) realçou, o asceticismo, ou seja, evitar os prazeres do mundo, tem uma influência positiva no desempenho do trabalho. Os pentecostais consideram a ética do

«Assim que se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo» (2 Coríntios 5:17).

¹⁰ A forma de vestir pode variar nas Assembleias de Deus, visto que há umas mais adaptadas aos tempos pós-modernos do que outras mais conservadoras que recusam uma modernização nesse aspecto. Mas a ideia geral é de que as mulheres deverão vestir-se e utilizar maquilhagem com modéstia e os ornamentos corporais devem ser mínimos. O Objetivo é manter o corpo para adorar a Deus. Esta pode ser mesmo uma marca da socialização evangélica (Rigoni & Prodócimo, 2013).

trabalho como uma forma primordial de exaltarem o nome de Deus, pois deve ser assim um verdadeiro cristão, uma “árvore boa” que se revela pelos seus “frutos”¹¹. A própria vida íntima/conjugal também deve sofrer transformações: caso não seja ainda convertido, é esperado que se evangelize o parceiro ou que se namore alguém da igreja, ou pelo menos que seja evangélico: “Se não há nesta igreja, há noutras” (conversa de uma crente com um jovem solteiro, 16/06/2013). O namoro com 'incrédulos' (como são denominadas as pessoas do 'mundo') é fortemente desencorajado. Quando há dois membros que começam a namorar, ainda antes do batismo, são logo incentivados a ser batizados o mais rápido possível, de modo a poderem casar.¹²

Os rituais de conversão seguem o seu padrão: como prova de que é realmente um (novo) convertido, o crente deve ir à frente no altar para dar o seu Testemunho de aceitação de Jesus - onde o crente conta, com muita emoção, a sua trajetória de vida, o antes (pecaminoso) e o depois da conversão/salvação. O pastor e os fiéis já batizados vão explicando ao novo crente as doutrinas da igreja e as normas de comportamento, dentro e fora do templo. Esta fase de pré-batismo é um período de ensinamento e de integração na comunidade religiosa. Ou seja, o novo membro deve dar provas à congregação de que, realmente, é um (novo) convertido - condição primordial para o batismo ‘nas águas’.

O Batismo Pentecostal: ‘nas águas’ e no Espírito-Santo

No pentecostalismo, há dois tipos principais de batismo: o ‘batismo nas águas’ e o ‘batismo no Espírito Santo’. A fundamentação teológica está no Novo Testamento, quando João Batista afirma que “eu, em verdade, tenho-vos baptizado com água; Ele, porém, vos baptizará com o Espírito Santo” (Marcos 1:8). São experiências religiosas que se constroem e se obtêm através de um novo nascimento (‘born-again’), que implica mudanças radicais de vida, ao nível pessoal e social: “a dissociation from earlier social and cultural affiliations” (Meyer, citado por Deininger, 2013: 557). A fé tem um sentido

¹¹ Esta questão do esforço no trabalho é muito recorrente nas pregações, principalmente com referência aos versículos acerca dos 'frutos'. Por exemplo: «Semelhantermente, toda a árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins» (Mateus 7:17). É importante também denotar que quando o pastor fala em 'trabalho' também incentiva muito o trabalho no templo, como, por exemplo, participar nas limpezas, visto que a igreja é mantida pelos seus membros e eles consideram isso uma forma de trabalhar na obra de Deus.

¹² Para uma melhor compreensão sobre a questão do namoro, casamento, família e sexualidade no contexto evangélico, ver Rodrigues & Silva (2016).

muito próprio e está muito ligada a essa mudança. É algo que se sente individualmente, mas que se demonstra perante a congregação, através do batismo, e perante o 'mundo', através do (bom) comportamento. Este 'mundo' - do qual os pentecostais afirmam não fazer parte, mas no qual obrigatoriamente têm que viver - é o mundo secular, pecaminoso e carregado de coisas ruins, algumas mesmo diabólicas.

- O Batismo nas Águas

O batismo é considerado uma decisão individual e consciente. Por isso, os pentecostais rejeitam o batismo das crianças¹³. Há uma série de condições/requisitos até o indivíduo ser aceite para ser batizado. É realçada a importância da maturidade religiosa para se tomar esta decisão, visto que este acto implica mudanças significativas na vida do crente; é um rito de passagem visto “as an outward sign of an inward change” (Albrecht, 2008, p. 148). Por este motivo, na AD da Covilhã, ninguém é batizado sem frequentar ativamente a congregação, pelo menos, durante um ano.

É chegado o grande momento: os novos convertidos vão demonstrar a sua fé perante a congregação. O dia do batismo é muito importante na vida do convertido, pois significa o seu renascimento religioso/espiritual. Os batismos realizam-se normalmente no verão, ao ar livre, num rio. Mas, quando o tempo não o permite, utiliza-se uma piscina dentro da igreja. No evento em que participámos, estavam treze crentes: dois jovens, entre os 15-25 anos de idade - que já eram membros da igreja desde que nasceram - três idosos e os restantes na faixa dos 30-50 anos, que já frequentavam a igreja, pelo menos, há mais de dois anos.

Como todos os ritos de passagem, há certos aspetos do ritual que simbolizam este acto: a vestimenta branca, revelando a pureza espiritual; os cânticos entoados pelos crentes que assistem, demonstrando a aceitação e a alegria por terem novos membros na congregação. Amparado pelo pastor, o crente junta as suas mãos, como que em oração, e o pastor coloca-lhe questões acerca do arrependimento dos pecados e da certeza em aceitar Jesus como único Salvador. Este questionamento funciona como uma espécie de

¹³ No entanto, nesta AD, realizam o que chamam de ‘Entrega de Crianças’, quando há alguma criança nova na igreja ou um bebé. É uma entrega efetuada através de oração e imposição das mãos por parte do pastor, mas que deve ser vista apenas como uma entrega da criança a Deus, e não um ritual de batismo. O pastor faz questão de frisar: “nós não batizamos crianças, entregamo-las ao Senhor”.

testemunho público da sua fé e, após responder afirmativamente às perguntas, o pastor finalmente mergulha-o nas águas, batizando-o “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A água tem um simbolismo muito importante, pois representa a ‘lavagem dos pecados’, a purificação: quando o crente é mergulhado nas águas está a deixar para trás a sua vida de pecado e, quando emerge, já está pronto para a sua nova vida. A congregação começa de novo a cantar o mesmo cântico. Os fiéis reagem durante toda a cerimónia, não só com os cânticos, mas também com "Améns" e "Aleluias", que se ouvem constantemente, mostrando, assim, o reconhecimento e o contentamento por mais uma alma que foi salva (Albrecht, 2008).

Depois do batismo ‘nas águas’, o crente passa a fazer parte não só da ‘Igreja de Cristo’ (todos os que estão salvos), mas ‘oficialmente’ da (sua) comunidade de fé, onde, agora com mais responsabilidade, deve ter uma participação ativa nas atividades da sua congregação: deve ter uma presença constante nos cultos, principalmente os de Celebração, contribuir para a manutenção da igreja, com o dízimo e ofertas, ir às reuniões, participar nos almoços e jantares organizados pela igreja, nas ações de proselitismo fora do templo e nas festas, como o Natal e a Páscoa - ocasiões especiais em que, normalmente, se fazem peças de teatro. Pode agora participar: na Santa Ceia, onde o pastor leva, a cada um dos batizados, pão e vinho, simbolizando o corpo e o sangue de Cristo; a Assembleia Geral, onde se discutem assuntos gerais, como eleições para a hierarquia e assuntos relacionados com os membros da igreja¹⁴; e as reuniões administrativas, que são restritas aos responsáveis pelas finanças, pelo dinheiro que entra e sai da igreja. Numa conversa informal acerca de um crente que não cumpria com as suas responsabilidades, um fiel disse que “ele é batizado mas não nasceu de novo, por isso o pastor nem devia ir ao pé dele [na Santa Ceia]”.

O crente batizado deve continuar a ir à frente, no altar, para (re)afirmar a sua fé perante a congregação. Deve também dar o seu testemunho, sobre a sua trajetória de vida, antes do batismo, ou de situações pelas quais passou já como batizado e testemunhar como Jesus Cristo foi (é) importante na sua vida. Os testemunhos são importantes, pois não só incentivam os ainda não batizados a fazerem o mesmo como, também, mostram a intervenção de Deus nas suas vidas, o que fortalece a fé dos fiéis e a edificação da igreja.

¹⁴ Discutem, por exemplo, se os candidatos ao batismo estão realmente preparados para ser batizados ou situações de membros já batizados que não estejam a cumprir com os seus deveres.

Um dos deveres da pessoa batizada é o de ensinar e apoiar os novos membros. Num dos festivais de Esperança em que participámos, muita gente foi à frente para aceitar Jesus, e alguns irmãos batizados foram junto dessas pessoas e encaminharam-nas para uma sala, onde lhes foi fornecido um envelope com literatura evangélica, panfletos e um formulário de novo convertido para preencherem.

Mas, no fundo, o dever passa pela participação ativa em tudo o que está relacionado com a igreja. Por exemplo, se for jovem deve ir às reuniões de jovens; se tiver algum talento, como cantar ou tocar instrumentos, deve fazer uso dele, pois os talentos são considerados dádivas de Deus. Há até crentes que participam nos cultos lendo poemas da sua autoria ou mesmo fazendo a pregação, o que é sempre muito bem visto. Mas, para fazer a pregação, é preciso um bom nível de conhecimento da Bíblia e nada como ir as reuniões de Estudo Bíblico para aprender. Outra atividade que só pode ser exercida por uma pessoa batizada é liderar o grupo de jovens, onde deverá zelar pelos comportamentos dos jovens e suas atividades na igreja.

A vida do crente fora da igreja também é muito importante. Como o pastor constantemente afirma “é a nossa atitude no dia-a-dia que vai chamar novas pessoas para a igreja”. Ao longo das suas pregações, apoiando-se em passagens da Bíblia, vai ensinando sobre o correto comportamento de um evangélico, para não se comportar como as pessoas “do mundo” (considerado do pecado). A fase de aprendizagem antes do batismo já passou e, agora, como batizado, qualquer comportamento desviante pode trazer consequências para a sua condição de membro da igreja. Um crente salvo pode deixar de o ser, se voltar a ter um comportamento ‘do mundo’. Quando isso acontece, o assunto é discutido em Assembleia Geral e as sanções vão desde uma chamada de atenção pelo pastor, não participar em ritos formais durante algum tempo, ou mais severas como a exclusão da congregação.

Um dos principais deveres do crente é o trabalho de evangelização. No pentecostalismo, mais do que ‘teorizar’, há uma preocupação em ‘fazer’ (McGuee, 2005). Por isso, na Assembleia de Deus da Covilhã (e nas suas congregações) há sempre várias atividades e missões ao longo do ano, com vista a uma evangelização ativa.

Outro aspeto a destacar é o conceito durkheimiano de ‘comunidade de fiéis’ - formada pela forte união e convivência entre os membros batizados da congregação; o que se pretende, segundo o pastor: “é uma forte união, para uma igreja abençoada”

(30/03/2014); “uma brasa sozinha apaga-se, precisa de outras brasas para queimar” (07/07/2013). O pastor dá muita ênfase à união, apelando muitas vezes para que os crentes saiam do lugar e se cumprimentem com abraços e com frases de ânimo, como - “tu és muito importante para mim”. Para além das atividades quotidianas dentro da igreja, combinam encontros fora da igreja, formando ‘grupo de oração’ e participando em trabalhos de proselitismo: jovens, grupos de mulheres ou até dentro do mesmo grupo étnico, como é o caso dos fiéis brasileiros.

- O Batismo no/do Espírito Santo

O “Baptism in the Holy Spirit is ‘a new experience’ in the life of a born-again Christian” (Buschart, 2006: 247). Enquanto o batismo nas águas é uma decisão pessoal num rito/ritual coletivo, o batismo no/do Espírito, pelo qual todos os crentes anseiam e desejam (mas nem todos conseguem), é uma experiência individual de contato com o Espírito Santo que transcende o indivíduo - “in water baptism the administrator is a person; in Spirit Baptism, the administrator is Christ” (citado por Alexander, 2009: 54). É uma experiência íntima que permite ao crente sentir-se em contato direto com Deus/Jesus Cristo; esta marcante experiência espiritual faz com que o crente sinta a sua fé renovada/fortalecida.

Segundo Frank Macchia (2011), “the Church is transformed by the Spirit to be bearers of Christ and his Word in the world” (p. 263). No caso específico das Assembleias de Deus, “the baptism in the Holy Spirit is a special experience following salvation that empowers believers for witnessing and effective service, just as it did in New Testament times”¹⁵.

O contato com o Espírito Santo significa, na prática, o contato direto com Deus: “é Deus a falar”, explicava um fiel da Assembleia de Deus da Covilhã; “Jesus é a Palavra que sai da sua boca e o Espírito Santo é o sopro, o ar que sai quando Ele fala”; “assim como sentimos o ar, também sentimos o Espírito através das suas manifestações”, explicava o pastor (26/05/2013). É o que Tomberlin (2012) chama de “espiritualidade física”; quando o Espírito Santo se manifesta, o crente entra num certo estado de transe, em que fica

¹⁵ Em: http://ag.org/top/Beliefs/Statement_of_Fundamental_Truths/sft_short.cfm (pontos 7 e 8 e também o 6 para o batismo nas águas).

‘possuído’ pelo Espírito e ‘fala em línguas’ (glossolalia). No nosso estudo, confirmámos que, em praticamente todos os cultos, há sempre crentes a falarem em línguas e todos eles eram batizados ‘nas águas’. Porém, é preciso lembrar que estão também incluídas nessa experiência de ‘possessão pelo Espírito’ outros tipos de manifestações, como, por exemplo, cair ou rir sem controlo (Hammonds, 2009).

Nos cultos há uma grande ansiedade por partes dos crentes para ‘falar em línguas’. A glossolalia não é apenas uma realização pessoal; se for a primeira vez que falou em língua, o crente é parabenizado pela comunidade por isso. Assim, constata-se a grande importância que esta dimensão tem no trajeto espiritual de cada crente. É como se, individualmente, a sua fé não só ficasse mais fortalecida, mas, sobretudo, é encarado como um sinal de salvação; o derramamento do Espírito é como uma promessa de Deus para a salvação. É, talvez, o aspeto mais central na afirmação da identidade Pentecostal. Como realçou Kung (2001), "The identity of Pentecostalism is not dependent upon any historical experience or event, but upon the promise of the outpouring of the Spirit" (p.19).

O falar em línguas é considerado a manifestação principal do batismo no Espírito, mas também se verifica através de outros dons espirituais: Estes incluem não só os “dons vocais” (falar em línguas), mas também “dons de revelação” (interpretação das palavras/mensagens de Deus e de Jesus Cristo concedidas através do Espírito Santo), da profecia e da sabedoria e ainda do discernimento de espíritos - e os “dons de poder”, revelados em curas milagrosas, expulsão de demónios e operação de milagres (Poloma & Green, 2010; Lucas 16: 17-18; I Coríntios 12:8-10). No entanto, como está na Bíblia, há dons que são para todos os crentes (como o da glossolalia), mas há outros que são apenas para algumas pessoas específicas¹⁶.

Nos cultos, o pastor manifesta muito carisma nas suas pregações, o que é considerado como "inspiração pelo Espírito Santo". Considera-se também que os crentes que desempenham funções importantes dentro da igreja estão “cheios do Espírito”, pois só assim podem desempenhar bem as suas funções. No caso da cura divina, os que vão à frente porque estão doentes (mesmo que seja espiritualmente), recebem, um a um, uma oração especial do pastor, com imposição das mãos; é o momento primordial em que o pastor exerce o seu poder de intermediação na cura divina. Por vezes, também é praticada

¹⁶ «E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, (...) para a edificação do corpo de Cristo» (Efésios 4:11-12).

a cura coletiva, em cultos especialmente organizados para o efeito; neste tipo de cura coletiva, é pedido aos que estão doentes para colocarem a mão no local do corpo que tem a enfermidade e o pastor faz uma oração bastante entusiasta e emotiva.

A questão do poder espiritual é muito recorrente no discurso evangélico. Como afirmou George Wood, o presidente (ou General Superintendent) das Assembleias de Deus, é o Espírito que dá força, sabedoria, sendo “capaz de compensar todas as falhas que nós temos (...) e vai levar-te além das tuas habilidades” (Centenário das Assembleias de Deus em Portugal, 10/06/2013).

O Espírito Santo é uma força poderosa que se manifesta fisicamente (no corpo dos crentes), mas também tem formas mais subtis de se manifestar, através do próprio caráter dos crentes, por exemplo. Segundo o pastor, o caráter revela-se através das palavras e das atitudes de cada um; por isso, é preciso ter atenção ao que se diz e ao que se faz. Ele diz mesmo que este pode ser um importante instrumento para se passar a mensagem pentecostal e que até funciona melhor do que os tradicionais métodos de proselitismo/evangelização.

O batismo no Espírito Santo é importante não só para a elevação espiritual da pessoal, mas também para a congregação. Uma igreja abençoada, segundo o pastor “é uma igreja onde se sente a sua presença [do Espírito Santo]“. Para além disso, um crente que seja batizado pelo Espírito vai ter a sua fé fortalecida e mais facilmente participará em missões e projetos da igreja, como ser missionário, ajudando, desta forma, na sua edificação.

Considerações finais

A teoria de Durkheim ([1912] 1964), acerca da função integradora, de coesão e sentido de comunidade da religião, pode muito bem ser aplicada ao pentecostalismo, um movimento religioso que veio ‘reencantar’ o mundo e oferecer um novo significado para a vida, um significado mais espiritual. Nas palavras de Alexander (2009), "we as people have "lost that lovin' feelin'," but Pentecostalism hasn't" (p. 147).

Com um forte capital social, cultural e espiritual, o pentecostalismo veio apresentar um novo modelo religioso, uma experiência centrada sobretudo no sentido de comunidade (de fiéis) e na emoção (Wilkinson, 2014). Para Durkheim, essa é exatamente a principal

função da religião: a de integrar os membros numa comunidade com normas e valores que devem ser adotados por todos. Enquanto Davie (1990) encontrou no seu estudo uma religiosidade de ‘believing without belonging’, a experiência pentecostal - como é o caso das Assembleias de Deus - vem juntar de novo o aspeto da pertença ao da crença.

Na Assembleia de Deus da Covilhã, tema do nosso estudo antropológico, a fase inicial (conversão) - como um rito de separação (Gennep, 1960) - de um crente é muito importante. Logo quando aceita Jesus como seu salvador, a congregação começa a ensinar-lhe a forma como se deve comportar, dentro e fora da igreja, para que se venha a confirmar como ‘nascido de novo’, quando for batizado. O batismo nas águas é um rito de passagem, de uma vida de pecado para uma nova vida; é o ato em que o crente vai demonstrar a sua fé perante a congregação e a sua decisão, consciente, de ser um ‘born-again’. Para alcançar a salvação é preciso, simbolicamente, uma morte (rito de separação do mundo pecaminoso) e renascimento espiritual (rito de integração): morrer para o ‘mundo’ e nascer de novo. E o batismo no Espírito Santo - expoente máximo da experiência pentecostal - tem a função de confirmar essa fé. A salvação é como um caminho que só se pode percorrer nascendo de novo e o Espírito Santo é como um guia que vai orientando e fortalecendo o crente para que ele permaneça no seu caminho de fé, como um (bom) evangélico.

Ser um evangélico - numa igreja pentecostal como a AD - não é apenas ir ao templo e participar nos cultos. Na (em) congregação, adquire-se, sobretudo, uma nova identidade religiosa, numa nova comunidade de pertença. A igreja cria uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade. A fé é algo que a cada um diz respeito e cada crente deve esforçar-se para alcançar a salvação. A comunidade, por sua vez, tem a função de partilhar coletivamente essa fé, considerando-se os próprios crentes como “irmãos na fé” que juntos trilham o caminho da salvação. Nos cultos não se espera e nem é admissível uma atitude passiva, pois os cultos são uma Celebração, uma forma coletiva e alegre de adorar a Deus.

Cada crente, individualmente, inicia e percorre um trajeto de ‘reencantamento’, passando pelo ritual do novo nascimento (born-again), o batismo nas águas, uma experiência que vai fortalecer a sua fé, que depois, exercendo os seus direitos e deveres, irá demonstrar através da participação na edificação da igreja. Esses momentos fazem parte da trajetória do processo de construção identitária pentecostal, que envolvem, nas palavras de Hervieu-Léger (1998): "the whole substance of believing: the practices, the

lived sense of belonging, the ways of conceiving the world" (p. 218).

Após as fases de conversão (aceitação de Jesus) e batismo nas águas (confirmação da fé), os fiéis poderão chegar então a altura em que, finalmente, vão poder confirmar a sua salvação eterna, através do batismo no Espírito Santo, e proclamar ao mundo que, agora sim, eles são pentecostais, de corpo e espírito.

Referências bibliográficas

ALBRECHT, Daniel. "Witness in the Waters: Baptism and the Pentecostal Spirituality". In: Thomas F. Best (Ed.), *Baptism Today: Understanding, Practice, Ecumenical Implications*. Geneva: Liturgical Press, 2008, p.147-168.

ALBRECHT, Daniel & HOWARD, Evan. "Pentecostal Spirituality". In: Cecil M. Robeck, Jr., & Amos Yong, *The Cambridge Companion to Pentecostalism*. New York: Cambridge University Press, 2014, p. 235-153.

ALEXANDER, Paul. *Signs and Wonders: Why Pentecostalism is the World's Fastest Growing Faith*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

ANDERSON, Allan. *An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BARATA, António Costa (2001). "Reinauguração que fez história na Covilhã". *Novas de alegria*, 707, 2001, p. 28-31.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BRANCO, Paulo (2011). "The Development of Pentecostal Movement in Iberia (Spain & Portugal). Part II: History of Pentecostalism in Portugal". In: William Kay e Anne Dyer (Eds.), *European Pentecostalism*. Leiden: Brill, 2011, p. 176-189.

BUSCHART, David. *Exploring Protestant Traditions: An Invitation to Theological Hospitality*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2006.

CASANOVA, José. "Religion, Millenium and Globalization". *Sociology of Religion*, 62, 4, 2001, p. 415-441.

DAVIE, Grace. "Believing Without Belonging: Is This the Future of Religion in Britain?". *Social Compass*, 37, 4, 1990, p. 455-469.

DEININGER, M. *Global Pentecostalism. An Inquiry into the Cultural Dimensions of Globalization*. Hamburg: Anchor Academic Publishing, 2013.

DUDLEY, Roland. "History of the Assemblies of God in Portugal". *Journal of the European Pentecostal Theological Association*, XII, 1993, p. 49-63.

DURKHEIM, Emile. *The Division of Labor in Society*. New York: The Free Press,

[1893] 2014.

DURKHEIM, Emile. *The Elementary Forms of the Religious Life*. London: George Allen & Unwin, [1912] 1964.

GEERTZ, Clifford. *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*. New York: Basic Books, 1983.

GENNEP, Arnold van. *The Rites of Passage*. Londres: Routledge, 1960.

GIDDENS, Anthony. "A vida em uma sociedade pós-tradicional". In: Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1995, p. 73-133.

GONÇALVES, José L. "Valezim – berço da igreja pentecostal em Portugal". *Novas de Alegria*, 2002, p. 33-35.

HAMMONDS, Richard. *The Pentecostal Movement*. Bloomington: Author House, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. "The Transmission and Formation of Socioreligious Identities in Modernity. An Analytical Essay on the Trajectories of Identification". In *International Sociology*, 13, 2, 1998, p. 213-228.

KAY, William. *Pentecostalism*. London: SCM Press, 2009.

KNOTT, Kim. Insider/outsider perspectives. In John R. Hinnells (ed.). *The Routledge Companion to the Study of Religion*. New York: Routledge, 2005, p. 243-258.

KUNG, Lap Y. "Outpouring of the Spirit: a reflection on pentecostals' identity". *Asian Journal of Pentecostal Studies*, 4, 1, 2001, p. 3-19.

MACCHIA, Frank D. "The Spirit-baptised Church". *International Journal for the Study of Christian Church*, 11, 4, 2011, p. 256-268.

MCGUEE, Gary B. "More than Evangelical». The Challenge of the Evolving Identity of the Assemblies of God". In: David A. Roozen & James R. Nieman (eds), *Church, Identity and Change*. Cambridge: Win. B. Eerdmans, 2005, p. 35-44.

MENESES, Jonatas. "Igreja Evangélica Assembleia de Deus: movimento, continuidade e mudanças". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 18/19, 2013, p. 155-164.

MILLER, Donald & YAMAMORI, Tetsunao. *Global Pentecostalism. The New Face of Christian Social Engagement*. Los Angeles: University of California Press, 2007.

POLOMA, Margaret. *The Assemblies of God at the Crossroads: Charisma and Institutional Dilemmas*. Knoxville: Tennessee Press, 1989.

POLOMA, Margaret & GREEN, John. *The Assemblies of God: Godly love and the revitalization of American Pentecostalism*. New York: New York University Press, 2010.

RIGONI, Ana & PRODÓCIMO, Elaine. "Corpo e religião: Marcas da educação

evangélica no corpo feminino”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35, 1, 2013, p. 227-243.

ROBECK, Cecil, Jr. "Pentecostalism and Mission: From Azusa Street to the Ends of the Earth". *Missiology: An International Review*, 35, 1, 2007, p. 75-92.

RODRIGUES, Donizete. *Sociologia da Religião: Uma introdução*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

RODRIGUES, Donizete. *Jesus in Sacred Gotham: Brazilian Immigrants and Pentecostalism in New York City*. Seattle: Amazon Publishing, 2014.

RODRIGUES, Donizete & SILVA, Marcos Araújo. “El Matrimonio en el Pentecostalismo: reflexiones etnográficas sobre la boda de un pastor de la Iglesia Universal del Reino de Deus en España. *Sociedad y Religión*, 45, XXVI, 2016, pp. 73-94.

STARK, Rodney. "Secularization, R.I.P.". *Sociology of Religion*, 60, 3, 1999, p. 249-273.

SWATOS, William (Ed.). *Encyclopedia of Religion and Society*. Walnut Creek: AltaMira Press, 1998.

TOMBERLIN, Dan. “Pentecostal Worship: The Spirit in the Sacraments”. In: R. Keith Whitt e French L. Arrington (Eds), *Issues in Contemporary Pentecostalism*. Cleveland: Pathway Press, 2012, p. 241-259.

TSCHANNEN, Olivier. "The Secularization Paradigm: A Systematization". *Journal for the Scientific Study of Religion*, 30, 4, 1991, p. 395-415.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença, [1904] 1996.

WILKINSON, Michael. "Sociological Narratives and the Sociology of Pentecostalism". In: Cecil M. Robeck, JR e Amos Yong, *The Cambridge Companion to Pentecostalism*. New York: Cambridge University Press, 2014, p. 215-234.

WILSON, Bryan. “Aspects of Secularization in the West”. *Japanese Journal of Religious Studies*, 3, 1976, p. 259-276.